

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO  
reciclagem , requalificação , rearquitectura

**anais do 7º seminário do\_co\_mo\_mo\_brasil**

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

**A PRAÇA E A PIAZZA: TRANSITORIEDADE E PERMANÊNCIA NO ESQUEMA  
CLÁSSICO DE CIDADE.**

Ana Carolina Santos Pellegrini

Arquiteta e Urbanista, Mestre. Centro Universitário Feevale/ PROPAR- UFRGS

Rua Sen. Annibal di Primio Beck, 365. Porto Alegre. CEP: 90480-180. Fone/fax (51) 33283906

[anapel@feevale.br](mailto:anapel@feevale.br)

Andréa Soler Machado

Arquiteta e Urbanista, Doutora. PROPAR-UFRGS

Rua Ibá Mesquita Ilha Moreira, 40, ap. 304. Porto Alegre. CEP: 91340-190. Fone (51) 21034673

[asolerm@terra.com.br](mailto:asolerm@terra.com.br)

## **A PRAÇA E A PIAZZA: TRANSITORIEDADE E PERMANÊNCIA NO ESQUEMA CLÁSSICO DE CIDADE**

A cidade é resultado do esforço coletivo do homem a fim de garantir o domínio permanente de um território. Suas transformações, ao longo do tempo, implicam dinamismo e transitoriedade e evocam sempre, paradoxalmente, os seus começos, reforçando ou transgredindo seus traçados fundacionais. Este trabalho pretende analisar a relativa efemeridade do espaço urbano à luz de dois exemplos: a Praça da Matriz, em Porto Alegre, e a Piazza do Campidoglio, em Roma, espaços pertencentes a locais distintos e distantes, criados em tempos diferentes, mas com topografia análoga e baseados em esquema compositivo, caráter, usos e relevância urbana semelhantes. Ambas as praças assumiram, ao longo dos anos, um papel determinante na memória e na imagem de suas respectivas cidades, e são espaços usualmente tidos como consolidados na paisagem urbana. Essa noção de estabilidade, entretanto, não resiste a um distanciamento temporal e espacial do objeto estudado. Tanto a Praça da Matriz como a Piazza do Campidoglio passaram, desde suas fundações, por processos de transformação que determinaram não apenas a modificação da moldura do espaço aberto, mas sua relação com a cidade que o circunda. Substituição de edificações, reformulações do traçado urbano, requalificação de fachadas, acréscimo e subtração de monumentos são alguns dos exemplos que podem ilustrar o tema. O estudo pretende abordar o desenho da cidade sob uma ótica diversa da habitual, visando à reflexão a respeito da relativa estabilidade aspirada pela intervenção urbanística clássica em relação ao tempo e o impacto das transformações aportadas pela modernidade. Não se intenciona avaliar o que pode ser determinado *a priori* pelo projetista. Mas sim, as modificações, renovações e rearquiteturas impressas pelo tempo e pela instabilidade inerente à condição urbana.

Palavras-chave: Praça/ cidade/transformação

## **THE SQUARE AND THE PIAZZA: TRANSITORINESS AND PERMANENCE IN THE CLASSICAL SCHEME OF THE CITY**

The city is the result of the collective endeavor to guarantee the permanency of a certain territory. Along the time its transformation requires dynamism and transitoriness which always calls forth paradoxically its begins, reinforcing or transgressing its early foundations. This work intends to analyse the transitoriness of the urban space concerning two examples: Matriz Square in Porto Alegre and Piazza di Campidoglio in Rome. This spaces in two different and distinct places were created in unequal epochs. Nevertheless they have similarities, like monumental character, uses, urban design, classical composition and topography: both are built on a hill. Both squares played a determinant part in the memory and image of their cities, and they are spaces usually thought as consolidated in the urban landscape. This idea of stability, however, doesn't resist to a temporal and special distance of the object analyzed. Both squares suffered transformations along the time, which determined not only the modification of the borders of the open space as well as its relationship with the city in its surroundings. Substitution of constructions, reformulation on the urban project, requalification of façades, adding or subtracting monuments, are some examples which may illustrate the subject. The work intends to approach the design of the city under a distinct point of view, leading to a reflection as to the relative stability desires by the classic urbanistic intervention in relation to the time and the impact of transformations due to modernity.

Key words: Square/City/Transformation

# A PRAÇA E A PIAZZA: TRANSITORIEDADE E PERMANÊNCIA NO ESQUEMA CLÁSSICO DE CIDADE

## A Praça da Matriz em Porto Alegre

A Praça da Matriz localiza-se nos Altos da Praia, o ponto mais alto da península correspondente ao núcleo fundacional da cidade de Porto Alegre.

A área de fundação é o atual centro da cidade, que surgiu como povoado chamado de Porto dos Casais, poucos anos depois do desembarque dos barcos açorianos na margem norte à esquina do Rio Grande de São Pedro, frente ao delta do Jacuí<sup>1</sup>, em 1752.

Atualmente, o seu espaço aberto quadrangular e inclinado, que se desenvolve em declive, da cota 35 a 30, mede 84 por 94 metros e é delimitado por edificações predominantemente altas e alinhadas, que conformam as ruas Duque de Caxias, na cumeeira da colina -- ao sul, Jerônimo Coelho -- ao norte --, J. A. Albuquerque, que tem como continuação a Espírito Santo -- à leste -- e rua sem nome -- à oeste. Com esta configuração, a praça é percebida como uma figura espacial esculpida no meio da massa edificada.

A Praça da Matriz, que hoje se chama oficialmente Praça Marechal Deodoro, foi marco inicial e participa da história e da vida da cidade. Num primeiro momento, surpreende o fato de que, este espaço, concebido como um lugar de memória, uma permanência significativa da cidade de Porto Alegre, uma espécie de Acrópole da capital do Rio Grande do Sul, tenha sido construído por inúmeras transformações.

### (fig.1)

Em 1753, os Altos da praia alojaram o cemitério do povoado que se iniciava, tornando-se praça, a partir de 1772 -- data oficial da fundação de Porto Alegre. Sobre o traçado português que definia a estrutura de ruas e de espaços abertos destinados a receber os edifícios públicos principais daquele incipiente núcleo urbano, -- encomendado pelo Governador da Capitania e desenhado pelo Capitão Eng<sup>o</sup> Alexandre José Montanha -- aparece, pela primeira vez, a 'Praça do Novo Lugar'. Conforme a tradição, o clero implantaria a sua sede no ponto mais alto do povoado que se iniciava, nos 'Altos da Praia'. No Alto da Bronze, o segundo ponto mais alto, seria construída a Capela do Senhor dos Passos. Entre estes dois lugares, se desenvolveria a zona rica.

Como se pode ver no mapa de 1772, a margem norte é a origem do núcleo. **(fig.2)** O Largo da Quitanda, mais tarde conhecido como Largo do Comércio, era lugar de trapiches e trocas

---

<sup>1</sup>É ali neste ponto que os barcos, após terem penetrado no território pelo canal de Rio Grande e subido pela lagoa dos Patos, faziam a curva e entravam no rio Jacuí, rumo ao interior, à procura de gado. De acordo com Sandra Pesavento, "as origens de Porto Alegre mesclam-se com o próprio processo de formação histórica do Rio Grande do Sul. Na passagem do século XVII para o século XVIII, a descoberta de ouro no interior do Brasil, na zona das gerais, motivou a demanda para o serviço das minas de animais para corte e tração. As grandes reservas de gado existentes no Rio Grande tornaram-se então um polo de atração para bandos de tropeiros que, de armas na mão, em enfrentamentos diretos com os castelhanos, dedicaram-se à preia deste gado xucro ou chimarrão."

comerciais, estruturando o cotidiano pacato, confrontando donas de casa e mulheres de vida fácil, velhos e crianças, marinheiros e mendigos, senhores e escravos, e convivendo com um porto, porta de entrada da riqueza da cidade.

Em 1824 foi construído o prédio público que lhe outorgou o seu nome popular mais recente: a Alfândega. O Largo dos Ferreiros ou do Paraíso, era o lugar onde haviam se instalado oficinas e ferrarias que atendiam comerciantes e navios. Em meados do século XIX, foi o terreno escolhido para a construção do primeiro mercado público.

Na ponta da península, localizava-se o Largo do Arsenal, primeiro centro cívico, constituído pela Casa da Câmara, Casa do Governador e a Cadeia. O Largo da Forca, a seu lado, era o lugar do pelourinho.

Um sistema de ruas principais, dispostas no sentido longitudinal, conectava os dois extremos -- leste-oeste -- do povoado: a Praia do Arsenal, aos caminhos percorridos por carretas de bois que ligavam o núcleo inicial às senzalas, às grandes propriedades agrícolas, a Viamão e aos povoados indígenas mais próximos. Ao norte, a Rua da Praia ou da Graça beirava o desembarcadouro e tinha como seguimento, o Caminho do Passo D'areia e da Aldeia dos Anjos. Entre esta e a Rua da Igreja, -- divisor de águas --, estava a Rua da Ponte, a partir da qual partiam, o Caminho do Meio e o Caminho da Azenha<sup>2</sup>. Ao sul, uma quadra acima da Praia do Riacho, foi traçada a Rua da Varzinha seguida pela Rua do Arvoredo<sup>3</sup>. Na direção oposta, ruas estreitas e secundárias venciam as encostas íngremes do espigão. Quatro delas<sup>4</sup> faziam a difícil conexão entre o norte e o sul da península: a Rua de Bragança delimitava a zona urbana da época. A Rua do Arroio -- lugar de prostitutas, na margem norte, de jogo de bocha, perto da Rua da Igreja e de comércio barato, no lado sul -- ligava o Pelourinho à Praia do Riacho. A Rua Bela e o Beco dos Guaranís iniciavam-se no Largo do Arsenal, passavam pelo Alto da Bronze e também terminavam naquela Praia. A Ladeira ou Rua do Ouvidor, a Rua Direita e a Rua Clara, completavam o sistema luso, conectando a 'cidade baixa', à 'cidade alta': com um quarteirão de comprimento e vinte e sete metros de desnível, a primeira era o trajeto entre o Largo da Quitanda e os 'Altos da Praia'. Através desta ligação em turbina, típica das estruturas urbanas portuguesas, a zona portuária, baixa e mundana vinculava-se ao topo alto, sagrado e, mais tarde, político.

### **Os quatro lados da Praça da Matriz contam a sua história**

O lado **sul** da Praça da Matriz foi o primeiro a ser constituído, sobre o alinhamento da Rua da Igreja. Com a fachada principal voltada para o norte, protegida do vento sul, vista para a margem navegável do Guaíba e para o casario fundacional, a primitiva Igreja Matriz da Madre de Deus é o

---

<sup>2</sup>O Caminho do Passo D'areia e da Aldeia dos Anjos originou a Independência e Cristóvão Colombo. O Caminho do Meio é a atual Oswaldo Aranha, o Caminho da Azenha ou Estrada do Mato Grosso hoje é a João Pessoa, Azenha e Bento Gonçalves e o Caminho Novo, a Voluntários da Pátria.

<sup>3</sup>A Rua da Praia é a Rua dos Andradas mas é chamada de Rua da Praia. A Rua da Ponte é a atual Riachuelo. A Rua do Arvoredo é a Fernando Machado, a Rua da Varzinha, a Demétrio Ribeiro, e a antiga Rua da Igreja ou Formosa é a Duque de Caxias.

<sup>4</sup>A Rua de Bragança é a atual Marechal Floriano. A Rua do Arroio é a Bento Martins, a Rua Bela é a General Portinho, o Beco dos Guaranís é a General Vasco Alves, a Rua Direita é a atual General Canabarro e Gen. Cipriano Ferreira, a Rua Clara é a General João Manoel e a Ladeira, a General Câmara.

marco inicial das obras determinadas pelo Governador José Marcelino de Figueiredo, logo após à fundação da cidade. Concluída em 1779, daria origem e nome à Praça da Matriz.

Por ocasião da mudança da sede do governo de Viamão para a ponta da península, ponto estratégico na defesa contra os espanhóis, a Praça virou centro cívico e passou a ser conhecida como Praça do Palácio da Presidência, endereço do mesmo, concluído em 1789, à esquerda da Igreja. A seu lado, em 1790, foi construída a Casa da Junta, Real Fazenda ou Assembléia Provincial. Em 1817 é aberta a Rua Espírito Santo, também chamado de Beco do Cemitério, estabelecendo a conexão da Praça com o lado sul da península. Em algumas plantas da metade do século passado essa rua aparece com o nome de Rua do Império. À direita da Igreja, entre 1837 e 39, foi erguida a Capela do Divino Espírito Santo, demolida e reconstruída mais de uma vez.

Na primeira metade do século XIX, após a derrota do movimento separatista na Guerra dos Farrapos, o programa de modernização do estado e da província patrocinado pelo poder público empreenderia **reparos** em alguns prédios da Praça: na Matriz da Madre de Deus e na Casa da Junta, remodelada por George Karl Phillip Theodor von Normann, em 1849, para melhor atender à sua mais nova utilização como Assembléia Legislativa<sup>5</sup>. Na segunda, vários projetos importantes seriam realizados. Em 1868, Johann Grünewald, restaurador da Catedral de Colônia, foi contratado para realizar o projeto do Seminário Episcopal, nos fundos da Catedral, que se concluiu em 1888 e abriga hoje a Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Em 1879, o arquiteto de formação militar, Álvaro Nunes Pereira, assumiu a chefia da Diretoria de Obras e se encarregou do projeto não construído do novo Palácio Governamental. Dez anos depois, o governo positivista de Júlio de Castilhos encomendou ao diretor da repartição de obras, Eng<sup>o</sup> Afonso Herbert, um projeto para o Novo Palácio do Governo, no qual compartimentos da residência se misturavam aos destinados à administração pública.

Em 1896, o antigo Palácio da Presidência é demolido -- no mapa deste mesmo ano aparece uma nova rua, entre o terreno do Palácio e a Igreja Matriz: a Rua Dom Sebastião, ligando a Rua da Igreja à Rua do Arvoredo -- e as obras se iniciam, mas são interrompidas pelo governo de Borges de Medeiros. A administração seguinte, de Carlos Barbosa, nomeia uma comissão para organizar, em Paris, um Concurso internacional para o projeto do Palácio. Entretanto, antes mesmo dos resultados, o arquiteto francês Maurice Gras foi contratado pelo governador para fazer o projeto definitivo. De estilo neoclássico -- Luis XVI --, o Palácio terá paredes construídas integralmente com pedras de calcário trazidas de navio do interior da França. Reassumindo o governo, Borges demitiu os franceses e contratou técnicos locais para terminarem a obra, de acordo com o projeto original. Em 1921, o Palácio Piratiní é concluído e a Rua Dom Sebastião, convertida em acesso privativo secundário do mesmo. Na mesma data, se colocou a pedra fundamental da Catedral que

---

<sup>5</sup>Em 1967, o poder legislativo seria transferido para o novo prédio, o Palácio Farroupilha e o casarão colonial cor de rosa, a partir do Plano Diretor de 1979, seria restaurado com a finalidade de abrigar a casa Civil.

iria substituir a antiga Madre de Deus, etapa significativa de um processo também acidentado que havia se iniciado em 1917, quando a Cúria Metropolitana resolveu ‘modernizar’ a casa e realizar um Concurso internacional de projetos para a construção da Catedral, outorgando o segundo prêmio ao projeto de Theo Wiederspahn e o primeiro, ao arquiteto espanhol aqui radicado, Jesus Maria Corona Alonso, que concebia uma edificação em estilo gótico a realizar-se com painéis de concreto pré-moldados. Dois anos mais tarde, as autoridades eclesiásticas abandonariam o projeto do avô de Luiz Fernando Corona e contratariam o arquiteto da Cúria Romana, Giovanni Giovenale, professor da Academia de Belas Artes em Roma, cuja proposta em estilo renascentista clássico será construída com blocos de granito provenientes das pedreiras de Teresópolis.

Para o Palácio Piratiní, Gras propõe uma barra de 60 metros de largura por 25 de profundidade, com dois pavimentos, -- equivalentes a seis convencionais --, unida, por duas passarelas, a um bloco em forma de ‘U’. A primeira, de frente para a Praça, corresponde à parte administrativa e o segundo, à ala residencial. Entre ambos, um pátio quadrado contém o acesso veicular privativo. Oito grandes colunas estruturam e monumentalizam o sistema de portas e janelas da fachada principal, alinhada com a Duque de Caxias. De acordo com o gosto da época, o estilo adotado é complementado por estátuas positivistas.

A Catedral ocupa quase todo o terreno, de 50m de frente por 80m de fundo, correspondente à área antes ocupada pela Capela do Divino e Igreja Matriz, demolida em 1929. Na fachada principal, uma espécie de base organiza os acessos -- um grande arco central de entrada, emoldurado por duas portas secundárias -- e sustenta dois campanários simétricos separados por um grande frontão decorado. Gigantescas cabeças de índios, simbolizando os antigos habitantes da região, são elementos decorativos e representativos, pois simulam arcar com o peso das colunas e arcos que formam a base da enorme cúpula, de 74m de altura e 18m de diâmetro, cuja monumentalidade refere-se à escala da cidade. Construídos sobre o alinhamento e separados entre si por pequenas frestas, estes edifícios caracterizam-se por programa institucional representativo do poder do Estado e do Clero. Enquanto os primeiros adotavam o estilo barroco português e constituíam um todo uniforme, seus sucessores, revivalistas, conformam uma fachada eclética para a Praça da Matriz.

O lado norte, até meados do século XVIII coincidia com a Rua Riachuelo. As obras da ‘Nova Casa da Ópera’<sup>6</sup> -- Teatro São Pedro --, começaram em 1833 e foram interrompidas durante os dez anos de Revolução Farroupilha: 1835-45. A partir de então, George Karl Phillip Theodor von Normann retoma as obras do Teatro, concluído e inaugurado em 1858 e constrói, à seu lado, o prédio da Câmara e Junta Criminal, iniciada em 1864 e concluída em 1875. Tipologicamente gêmeos e com fachadas idênticas, -- com dois pavimentos mais telhado, totalizando 25 metros de largura por 50 de profundidade --, o Teatro e a Câmara estabeleceriam um novo limite,

---

<sup>6</sup>A Nova Casa da Ópera substituiria a que então existia no beco da Ópera, atual rua Uruguai.

proporções renovadas e uma espécie de portal de entrada para a Praça da Matriz, desde a Rua da Ladeira.

Na esquina desta com a Riachuelo, Afonso Herbert constrói, em 1912, a Biblioteca Pública de Porto Alegre. Em estilo neoclássico, complementado por bustos de 'santos' da religião da humanidade, a Biblioteca torna-se elemento de reforço daquela composição que durou 80 anos, destruída pelo incêndio que consumiu com a Câmara em 1949. Em 1953, o terreno-quadra desta última seria utilizado no Concurso de projetos para a sede do poder Judiciário estadual.

No início da formação do povoado, o lado oeste era a borda irregular de um quarteirão, demarcado e ainda não edificado. Na Planta de 1837, nos dois extremos desta linha divisória, dentro do espaço da Praça, aparecem dois novos elementos: uma residência voltada para a Rua da Igreja, em frente à Assembléia Provincial, ao sul, e as fundações do Theatro. Nos registros de 1839, a casa não existe mais. **(fig.3)**

A Casa do Bailante, com seu pórtico grego, construído do lado de dentro e sobre a borda agora retificada da quadra, consta na planta de 1869. A seu lado, o terreno vazio da esquina com a Rua da Igreja abriga o reservatório da primeira Companhia Hidráulica Porto-alegrense que, em 1896, já possui uma Sede.

No princípio do século, Afonso Hebert projetou o Arquivo Público do Estado. Devido ao desnível existente entre o seu terreno e o lado noroeste da Praça, o edifício estreito -- de frente para a Rua Riachuelo, na altura da Caldas Junior --, composto por uma série de arcos em estilo neoclássico, foi concebido como um muro de arrimo de dez metros de altura arrematado por uma cornija que redefinia o alinhamento do terreno da Bailante e servia de balaustrada protetora do mesmo. Se, é lícito comparar a Praça da Matriz à morada dos Deuses na colina de Atenas, pode-se dizer que a escadaria pública que conecta o pátio do Arquivo Público à Praça é um portal desta Acrópole.

Para que pudesse ser construído, em 1928, o Auditório Araújo Viana, Otávio Rocha mandou demolir, em 1924, a Casa do Bailante e transferir a Hidráulica, na mesma época, para o Bairro Moinhos de Vento. Com a finalidade de abrigar os concertos da Banda Municipal, o Auditório possuía uma platéia de 400 bancos fixos ao ar livre, dispostos em 4 terraços, segundo a declividade natural do terreno, que convergia para um ponto focal, onde uma grande concha acústica fazia contraponto ao monumento em homenagem a Julio de Castilhos, situado no centro da esplanada pavimentada da Praça da Matriz.

Este magnífico espaço aberto público, por um lado, podia ser lido como extensão da Praça, e neste caso, a antiga Assembléia, localizada ao lado do Palácio Piratiní e ao Solar dos Câmara, construído em 1818, faziam parte das suas bordas. Por outro, podia ser descrito como limite desta, devido à forte presença física da sequência de pilares que compunham a pérgula escalonada de fechamento virtual espacial do auditório. Este elemento, além de servir de transição para a Praça,

era também um suporte para as rosas trepadeiras que formavam uma verdadeira cobertura vegetal.

Em 1958, o Auditório seria demolido e o seu terreno, utilizado no mesmo ano pelo concurso do novo Palácio Legislativo.

O lado leste, corresponde ao lado edificado da Rua Espírito Santo. No final do século XIX, a esquina com a Rua da Igreja era conformada pela Intendência Municipal, e a esquina com a Jerônimo Coelho, por prédio projetado, em 1868, por Francisco Nunes Miranda para servir, naquela época, de Secretaria de Obras. Posteriormente, abrigaria dois outros programas: a partir de 1890, sediou o Comando das Armas, motivo pelo qual passou a ser chamado de 'Forte Apache' e, de 1896 a 1921, foi sede provisória do governo estadual. Entre ambos, moradias nobres, pouco a pouco completavam o quarteirão.

No princípio deste século este lento processo ainda não havia terminado: nos anos 1920 Richard Wriht projetou o Palacete da família Palmeiro da Fontoura. Vinte anos depois, estas casas já começariam a ser substituídas por edifícios altos com elevador. Por outro lado, a partir do Plano Gladosch, de 1943, a altura máxima estipulada para a Praça da Matriz passou a ser de 40 metros, equivalente, em média a 13 pavimentos, conforme mostra o esquema. Seguindo este padrão, nesta época, foram construídos dois edifícios, adotando o estilo em moda na época, o Art-Déco: um ao lado da Intendência e o Bela Vista, do outro lado da Duque de Caxias, na esquina da Espírito Santo. Este quarteirão corresponde ao lado funcionalmente misto da Praça da Matriz e é uma demonstração do contínuo processo de fragmentação que a inserção de edifícios altos, provenientes de diferentes regulamentações, passa a gerar no tecido da cidade<sup>7</sup>.

### **A Praça da Matriz: seu espaço aberto**

Se, de 1753 a 1772, o espaço aberto da Praça da Matriz era apenas um cemitério<sup>8</sup>, entre a conclusão da Igreja Matriz e do primeiro Palácio da Presidência, Deus abençoou vivos e mortos nos 'Altos da Praia': Em 1789, o cemitério foi transferido para os fundos da Igreja -- onde permaneceu até 1850 -- cedendo seu lugar ao movimento de pedestres que o novo centro cívico requeria. Com a conclusão dos prédios das três instituições, no lado sul, afloraram os problemas relativos à forte declividade e erosão do lugar. A construção de um muro de arrimo sustentando o passeio público que lhes servia de acesso, em cota superior àquele largo inclinado, parecia então, no mínimo, apropriado.

Durante muitos anos, o dito muro, uma espécie de balaustrada da qual o pedestre podia contemplar o Guaíba, constituiu um desnível significativo, correspondente à altura aproximada de um

---

<sup>7</sup>Nos anos 50, esta ruptura ainda estava associada às alturas. O Plano de 59 mantinha, para a Praça, os gabaritos de Gladosch: no lugar da antiga Intendência Municipal, nos anos 1970, foi construído o edifício Catedral, com treze pavimentos e sobre o alinhamento. O Plano de 79 introduziria recuos frontais: ao lado do 'Forte Apache', foi construído um edifício de treze pavimentos e sete de testada, cujo recuo frontal em relação à rua revela a sua pouca idade.

<sup>8</sup>Em 1753 Frei Faustino localizou o cemitério no local correspondente à Praça da Matriz.



pavimento, entre o conjunto Palácio - Igreja - Capela - Rua da Igreja e a Praça propriamente dita e, por isso mesmo, o limite sul do mesmo.

Naqueles tempos longínquos, a Igreja não era apenas uma questão de fé mas também, de festa: a do Divino não se limitava à Capela, ocupava todo o terreno da Praça, que ainda não passava de um vazio irregular, repleto de pedras soltas, sem qualquer pavimento, adorno ou vegetação. Uma pequena escada, localizada mais ou menos na frente do Palácio, conectava os dois espaços.

No mapa de 1839, a escada ocupa uma nova posição: centralizada e alinhada com a Rua da Ladeira. Um muro em zigue-zague separa o espaço aberto da Praça dos terrenos vagos de propriedade particular, a oeste. A leste, uma linha pontilhada revela a intenção de separar o espaço da Praça do alinhamento dos prédios. Com a retomada das obras do Theatro, em 1846, a Câmara Municipal construiria, no centro do espaço, uma calçada com a largura de vinte palmos, ligando, de maneira perpendicular ao paredão de arrimo, a escada de acesso à Rua da Igreja, à Ladeira, ao norte.

Dois anos depois, no lado leste, outra, do Beco do Cemitério -- até a Rua da Ponte -- Riachuelo. Por volta de 1864 -- no mesmo ano em que se iniciaram as obras da Câmara -- foi inserido o primeiro elemento decorativo no centro da Praça: um chafariz de mármore com estátuas que simbolizavam os rios da bacia do Guaíba, cuja instalação tornou-se possível com a construção do reservatório da Hidráulica.

Um ano depois, o lugar converteu-se em Praça Dom Pedro II . No mapa de 1869, o Theatro, já concluído, e a Câmara, em construção, abrem-se diretamente para o espaço redefinido pelos mesmos. Num determinado momento da primeira metade do século XIX, foram plantados coqueiros alinhados e próximos das fachadas dos prédios principais, mas alguns anos depois, esta tentativa de relacionar, através destes elementos, edifícios e espaço aberto, seria substituída por outra medida: um projeto paisagístico, cuja intenção surgiu em 1869.

Em 1881, com base em Planta fornecida pelo Governador da Província, concluía-se a obra de ajardinamento, arborização e calçamento das aléias da Praça da Matriz. Em fevereiro de 1885, foi inaugurada uma estátua pública de mármore em homenagem a Conde de Porto Alegre, entre o centro da Praça e a Duque de Caxias, transferida, em 1912, para a Praça do Portão.

Nos mapas de 1896, o espaço aberto da Praça aparece, pela primeira vez, com forma quase quadrada -- de 84 por 94 metros -- do tamanho de um quarteirão não edificado, rodeado de ruas em todos os lados. **(fig.4)** Em algumas fotos deste período, nota-se a presença de uma cerca, -- removida alguns anos mais tarde --, com portões de acesso locados no meio de cada um dos quadrantes.

A praça adquirira, então, uma composição equilibrada e uma imagem estável, símbolo de uma Província de São Pedro com posse consolidada, que agora possuía iluminação, bondes de tração animal, água encanada, telefones e começava a expandir seu território para além das antigas

fortificações, demolidas após o término do episódio dos Farrapos. O grande monumento positivista em homenagem a Júlio de Castilhos, obra do escultor Décio Villares, foi inaugurado em 1913. Em consequência disto, a Praça da Matriz sofreu transformações e sensíveis melhoramentos que ficaram concluídos em 1919.

Em 1943, o Plano de Gladosh previu a modernização e a monumentalização dos dois centros cívicos existentes: o municipal<sup>9</sup> e o estadual. Os croquis de Gladosch demonstram a intenção de estabelecer uma certa continuidade estilística e morfológica entre os Palácios da Praça da Matriz e o tecido circundante. Entretanto, a reordenação do conjunto através de eixos e simetrias parciais, e a substituição dos antigos edifícios por prédios racionalistas, referenciando-se aos projetos urbanos do italiano Piacentini, alterariam completamente a configuração que a Praça da Matriz possuía naquele momento.

No projeto para o novo 'Centro Administrativo Estadual', o espaço aberto da praça dividiria-se em três partes: com o rebaixamento do trecho da Duque de Caxias fronteiro ao Palácio do Governo e à igreja, que já estava sendo substituída pela atual Catedral, a primeira corresponderia a um patamar mais elevado que a rua, convertido em praça de honra, em situação análoga à do antigo Palácio do Governo. Ao lado da Catedral, na descida do beco, a construção de uma pequena praça outorgaria-lhe maior monumentalidade. Na segunda, taludes e escadas venceriam o desnível, e uma dupla fileira de árvores emoldurariam o Palácio. Na terceira, um obelisco no meio de um espaço cívico quadrado marcaria, ao mesmo tempo, o centro geométrico do Palácio e uma rotação em direção a um segundo eixo correspondente a rua Jerônimo Coelho, como acontecia nos percursos das plantas barrocas, nas quais, através deste recurso, a composição absorvia algumas imposições do programa e/ou do sítio. Este deslocamento do único eixo norte-sul da situação original, que agora se materializaria pela seqüência, Palácio, espaços abertos, novo edifício e quarteirão frontalmente oposto, enfatizaria a monumentalidade do primeiro, que passaria a ocupar uma posição central e dominante em relação aos demais prédios. O Theatro, o Auditório e o Forum seriam demolidos, pois não correspondiam às atuais necessidades da cidade. A futura Assembléia dos Representantes substituiria os dois primeiros e corresponderia a um grande edifício, cujo acesso principal, porticado e intercalado entre as outras duas partes da fachada simétrica, faria o fechamento da perspectiva desde a Jerônimo. Entretanto, esta simetria jamais seria percebida, pois o prédio fronteiro ao Palácio encobriria uma terça parte da fachada. Todas as secretarias de Estado e demais órgãos componentes da administração ocupariam, além do edifício frontal ao Palácio citado acima, dois edifícios-quarteirão com seis ou mais andares, conforme as necessidades de ampliação dos serviços públicos, ao longo de ambos os lados da rua Jerônimo Coelho prolongada. No entroncamento desta com uma nova rua, paralela à Borges de Medeiros, seria construído um pórtico de entrada, monumentalizando, assim, este acesso ao centro cívico.

---

<sup>9</sup>Localizado entre as ruas Marechal Floriano Peixoto, José Montaurí, Uruguai e Mauá, o centro cívico municipal seria reloteado e remodelado. O futuro Palácio Municipal constituiria o fechamento da Borges de Medeiros, estendendo-se até a Praça 15 de novembro ampliada e reformada, e substituiria o 'antigo', construído em 1900 e considerado totalmente inadaptado às necessidades dos serviços da época.

Para facilitar o acesso pela Rua General Câmara, seria feito um rebaixamento da mesma e da rua Riachuelo, sustentado por um muro de arrimo, tratado como arcada, e implantar-se-ia um sistema de elevadores, novidade na época, que transportariam os pedestres desde esta última até o patamar do Palácio. Esta intenção envolveria, ainda, a demolição e re-loteamento de três faces do quarteirão da Biblioteca Pública.

Este projeto não foi realizado. Apesar do clima ameaçador que a rondava, alterando-a no papel e modificando de fato o seu entorno mais imediato, paradoxalmente, de 1930 a 1950, a Praça da Matriz não sofreu alterações. O seus limites edificados caracterizavam-se pela presença dos prédios gêmeos, -- Theatro São Pedro e Câmara --, da Catedral Metropolitana, do Palácio Piratini, da antiga Assembléia Legislativa, e do antigo Araújo Viana. E o seu espaço aberto, pelo desenho simétrico, organizado segundo um eixo norte-sul, que ultrapassa o seu perímetro: começa na subida da Ladeira e termina numa grande escadaria escondida entre a Catedral Metropolitana e o Palácio Piratini. Dentro da Praça, o eixo duplica os cães de bronze que ornamentam a escada de acesso ao tabuleiro pavimentado, plano e quase quadrado, de 33 por 35 metros, marca presença no Monumento positivista que ali se dispõe, percorre os caminhos de saibro e os canteiros de grama e divide ao meio o 'U' vegetal descrito por jacarandás de grande porte que constituem as suas bordas, leste, sul e oeste.

A Praça da Matriz da Madre de Deus do século XVIII era uma praça, cuja igreja homônima, que se debruçava sobre o largo erodido e inclinado, era uma presença marcante que dava sentido ao mesmo e à paisagem da cidade. A vegetação inserida posteriormente modificou esta relação. Se, por um lado, pode-se dizer que esta idéia de espaço público, no qual à artificialidade de uma superfície pavimentada, sobrepõe-se a representação da natureza miniaturizada, refere-se às Praças e Boulevares, com as quais o Barão Haussmann enfeitou Paris no século XIX, de outro, a informação de que, durante alguns anos, a Praça da Matriz foi uma praça cercada, evoca as *Squares* inglesas. Em qualquer um dos casos, a utilização da vegetação disposta, geometricamente no primeiro caso, e de forma pitoresca, no segundo, outorga autonomia ao espaço, que passa a ter um caráter muito mais recreativo do que cívico.

Na Praça da Matriz, a ausência de árvores no lado norte, o desenho do espaço aberto organizado segundo o eixo existente entre o Palácio da Justiça e o Theatro e a escadaria, que se arma diante dos mesmos, faz com que estes dois edifícios adquiram predominância na composição do todo, configurando um portal de entrada do centro cívico. De acordo com esta leitura, a sequência de árvores dos lados leste e oeste conduzem a perspectiva em direção ao lado sul -- Catedral e Palácio Piratini. Entretanto, a barreira vegetal que separa o espaço aberto das bordas edificadas da praça, coloca os dois últimos e os edifícios dos lados leste e oeste em segundo plano perceptivo.

### **As transformações do tempo**

Ao longo do tempo, o perímetro da península correspondente ao núcleo fundacional de Porto Alegre foi alterado. Hoje, sobre um aterro que um dia foi a Praia do Riacho ou praia de belas mulheres de família, arma-se um fragmento de tecido moderno, sobre o qual estão dispostos os edifícios que integram o Centro Administrativo Estadual<sup>10</sup>. Os Largos que se debruçavam sobre a margem norte do Guaíba hoje escondem-se atrás de um muro de contenção de enchentes. Entretanto, a estrutura básica fundacional de Porto Alegre subsiste. O traçado inicial, radial -- em leque -- e irregular originou o sistema principal de Avenidas de Porto Alegre. Os edifícios que a partir da metade deste século modernizaram a cidade estão implantados sobre a mesma quadrícula portuguesa. O antigo Largo da Quitanda não conserva seus antigos prédios, mas mantém um certo eco de seu significado original.

Desde o final do século XIX, dois projetos de Theo Wiederspahn<sup>11</sup>, a Receita Federal, atual MARGS --, cuja cobertura plana e átrio com iluminação zenital antecipam características da arquitetura moderna --, e o prédio dos Correios e Telégrafos, com sua magnífica torre-relógio e ornamentos escultóricos materializam, em forma de pórtico, a ligação entre a Praça da Alfândega e o Portão de Ferro do Cais do Porto, reiterando a sua vocação de portal de entrada da cidade a partir do Rio.

Na primeira metade deste século, com o prolongamento da Borges de Medeiros até o cais do porto, o Largo dos Ferreiros foi desmembrado em duas partes, originando a Praça 15 de novembro e a Praça Montevideu. A primeira é constituída pelo Chalé, Largo Glênio Peres e segundo mercado público, -- projetado e construído por Friedrich Heydtmann<sup>12</sup>, em 1861. A segunda, pela Prefeitura Municipal. O Largo da Forca, hoje é o vestíbulo da escadaria da Igreja das Dores, concluída no princípio deste século. O Largo do Arsenal posteriormente virou Praça da Harmonia, hoje homenageia o Brigadeiro Sampaio e está rodeado de Quartéis. Na ponta da Cadeia, em 1928 ergueu-se uma Usina elétrica, que hoje é um centro cultural. O Alto da Bronze converteu-se em praça esportiva e chama-se Praça General Osório. Só na Placa. Todos a chamam por seu nome original, que homenageou uma moradora local, de grande simpatia e reputação duvidosa.

Hoje, os Altos da Praia, que na Capital da Província de São Pedro foi *belvédère* de uma arquitetura colonial, arma-se como 'plataforma' sobre a cumeeira da península e caracteriza-se como mirante de uma paisagem metropolitana, composta por modernos espigões que, vez por outra, permitem que o rio Guaíba se desvele, por entre as estreitas frestas que os separam. Define-se através da Catedral Metropolitana -- cuja cúpula central tem presença marcante na paisagem, do tradicional Theatro São Pedro, dos Palácios de Governo, modernos -- da Justiça e Legislativo --, do

---

<sup>10</sup>De acordo com a Lei nº 2330, de 1961, que contém a revisão do primeiro Plano Diretor, elaborado em 1959, a localização do centro cívico, na Praça da Matriz, era um fator agravante do crescente e ainda não solucionado problema de congestionamento de trânsito na área central. A partir de então, 22 hectares do aterro da Praia de Belas começariam a ser ocupados por edifícios públicos do Estado, e nos anos 70, edifícios escultóricos completariam o conjunto, reproduzindo o modelo de Brasília.

<sup>11</sup>Theo Wiederspahn construiria ainda, para a iniciativa privada, o Banco da Província, filiais do Banco Alemão, Cervejaria Bopp, a Aliança do Sul, o Palácio Chaves e muitos prédios comerciais, como a casa comercial de Nicolau Ely.

<sup>12</sup>Heydtmann foi o responsável pelo primeiro aterro da península -- sobre o qual foi construído o 2º mercado --, pela criação da cidade baixa, e pelo projeto da Beneficência Portuguesa, em 1868.

neoclássico -- Piratini --, de prédios residenciais, de 'algum vestígio das mansões das grandes famílias de outrora'<sup>13</sup> e de vegetação de grande porte. A Duque de Caxias, -- tradicional rua das famílias nobres --, que antes conduzia os pedestres à praça, converteu-se em avenida de trânsito rápido. A que antes integrava, arquiteturas e espaços, hoje conecta centro e bairros, separa a praça de uma de suas bordas principais e é o principal acesso para quem chega de carro ao centro cívico.

O acesso veicular, pelo outro lado, é pela Jerônimo Coelho ou pela Riachuelo. Pela primeira, chega-se em frente e tangencialmente ao Palácio da Justiça e ao Theatro São Pedro. Pela segunda, dobra-se à esquerda, na rua da Ladeira, e chega-se de maneira mais monumental, por entre o Palácio e o Theatro. A pé, a estas alternativas, somam-se outras quatro: a primeira, é a escadaria que conecta a Praça com a encosta sul da colina. A segunda, é a bela e semi-abandonada escada pública do Arquivo Público Estadual, escondida sob a copa generosa de uma paineira que preenche a brecha existente entre o Palácio Farroupilha e o Theatro São Pedro. Se esta passagem é 'secreta' para quem não frequenta o centro da cidade, ela faz parte da rotina de quem circula entre a Praça da Alfândega e a da Matriz, uma espécie de atalho, um pouco mais suave que a Rua da Ladeira, que constitui a terceira alternativa, um pouco mais lúdica que o quarto caminho: a servidão pertencente ao Palácio Farroupilha, localizada na parte posterior do mesmo.

Apesar de ter sido convertida em Praça Dom Pedro II, em 1865 e, em Praça Marechal Deodoro, a partir da proclamação da República, pouca gente sabe que este, ainda hoje, é o seu nome oficial. Demonstrando, inconscientemente, que a cultura popular é mais forte do que esta sucessão de governantes que marcam suas presenças no espaço público e a memória coletiva, todos a chamam, carinhosamente, de Praça da Matriz.

## **O Campidoglio**

A Piazza del Campidoglio ou, simplesmente, Capitólio, figura na cidade de Roma desde os primórdios de sua fundação, passando por diversas modificações espaciais ao longo de aproximadamente um milênio.

Apesar de marcar um dos mais antigos espaços da cidade de Porto Alegre, a Praça da Matriz pode ser considerada uma Terra Nova diante de seu paralelo italiano. Para ter-se uma idéia, quando Michelangelo foi chamado pelo Papa Paulo III para proceder a requalificação daquele espaço, o Brasil havia há poucos anos sido descoberto. E, ainda, no século XVII, quando Porto Alegre começava a ser urbanizada, A "nova" versão do Capitólio já era praticamente bicentenária. Ou

---

<sup>13</sup>COMAS, Carlos Eduardo, programa da disciplina Prática de projetos IV- Faculdade de Arquitetura, UFRGS, segundo semestre de 1994.

seja, naquela época, um romano olhava para o conjunto maneirista com olhar equivalente ao que lançamos hoje para a Praça da Matriz.

A Piazza del Campidoglio repousa sobre uma das sete colinas que originaram a cidade de Roma, a saber: Esquilino, Aventino, Palatino, Celio, Quirinale, Viminale e Campidoglio.

Explicar papel do Capitólio na Roma Antiga.

### **A Modernidade reciclando o tempo**

Paradoxalmente, as transformações de ambos os espaços urbanos, ao longo do tempo, implicam dinamismo e transitoriedade e evocam, de alguma forma, os seus começos, reforçando ou transgredindo seus traçados fundacionais. Essa contradição aparente evoca uma bela frase de Ítalo Calvino:

“Uma cidade pode passar por catástrofes e períodos negros, ver diferentes gerações se sucederem em suas casas e ver estas casas se transformarem, pedra por pedra, mas no exato momento, e de diferentes maneiras, ela deve encontrar os seus deuses uma vez mais”.<sup>14</sup>

Quem são, e onde estão, os Deuses das cidades? E porque reencontrá-los? Esta frase de Ítalo Calvino é no mínimo instigante. Fala da cidade como algo que se transforma e da sua história como movimento. Mas fala também de algo que permanece, como uma alma, uma essência que deve ser buscada num exato momento, aquele que se poderia dizer que para nós, arquitetos, é o momento do projeto.

Para Aldo Rossi<sup>15</sup>, um novo edifício inserido numa cidade pode, dependendo do caso, definir-se como uma construção do tempo presente, que completa um tabuleiro do passado reforçando, ainda que através de alguma transgressão, seus significados originais, evocando, assim, seus Deuses como diria Calvino.

Desde esse ponto de vista, surge a possibilidade de pensar a arquitetura da cidade como uma obra contínua, que se estabelece entre transitoriedades e permanências dinâmicas construtoras de memória. Por isso, pode-se dizer que os Deuses da cidade habitam suas permanências, aquilo que é comum às suas duas temporalidades: o seu presente e o seu passado. O primeiro, uma

---

<sup>14</sup>Texto original: A city can go through catastrophes and dark ages, see different generations follow one another in its houses, see these houses change stone by stone, but at the right moment and in different forms it must find its gods once again', in: CALVINO, Ítalo, 'The Gods of the City', Monumentality and the City, op. cit., p. 6.

<sup>15</sup> ROSSI, Aldo, La Arquitectura de la Ciudad, Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

arqueologia de camadas temporais; e o segundo, de acordo com David Lowenthal, um país estranho,<sup>16</sup> um tempo não vivido, um “outro”, ao qual temos acesso apenas através de suas permanências reatualizadas. De acordo com Raquel Rolnik<sup>17</sup>,

“O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além do continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história”.

Nessa perspectiva, a história adquire uma relevância projetual, através da qual a modernidade pode adquirir uma dimensão de reciclagem positiva do passado. Se os processos de transformação, -- como a substituição de edificações, reformulações do traçado urbano, requalificação de fachadas, acréscimo e subtração de monumentos, -- que determinaram não apenas a modificação da moldura do espaço aberto, mas a relação da Praça da Matriz e da Piazza do Campidoglio com a cidade que os circunda não anularam a condição de permanência desses espaços, então, pode-se pensar a respeito da relativa estabilidade aspirada pela intervenção urbanística clássica em relação ao tempo e o impacto das transformações aportadas pela modernidade. Não se intencionou aqui avaliar o que pode ser determinado *a priori* pelo projetista. O estudo pretendeu abordar o desenho da cidade sob uma ótica diversa da habitual, visando a reflexão a respeito das modificações, renovações e re-arquiteturas impressas pelo tempo e pela instabilidade inerente à condição urbana.

Portanto, se os deuses de Porto Alegre e de Roma, habitam estas Acrópoles, que são a **Praça e a Piazza**, tratemos, pois, de encontrá-los, para que possamos produzir uma arquitetura que outorgue novos sentidos às permanências, unindo os fragmentos e preenchendo os interstícios da cidade contemporânea, que seguirá crescendo sobre si mesma, alargando e asphaltando suas ruas, multiplicando seus pisos e absorvendo as tendências mais progressistas.

---

<sup>16</sup> LOWENTHAL, David, *El Pasado es un País Extranño*, Madrid: Ediciones Akal, 1998, título original: *The past is a foreign Country*, Cambridge: University Press, 1985, 1993.

<sup>17</sup> ROLNIK, Raquel, *O que é a Cidade*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988, p.8-9.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2001.

COMAS, Carlos Eduardo, *O espaço da Arbitrariedade*, IN: Revista do Servidor Público, Brasília: FUNCEP, jan/mar 1983.

CORONA MARTÍNEZ, Alfonso, *Ensayo sobre el proyecto*, Buenos Aires: CP 67 editorial, 1991.

MACHADO, Andréa Soler, *A borda do rio em Porto Alegre: arquiteturas imaginárias, suporte para a construção de um passado*. Porto Alegre: UFRGS 2003. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MAHFUZ, Andréa Soler Machado. **Dois palácios e uma praça**: A inserção do palácio da justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1999.

RICOEUR, Paul, *Architecture et narrativité*, IN: *Urbanisme*, nov/dec 1998, nº 303, p. 44-51.

ROSSI, Aldo, *La Arquitectura de la Ciudad*, Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

ROWE, Colin & KOETTER, Fred, *Ciudad Collage*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

a lorque: W.W. Norton & Company, 1998.